

O quarto dia foi dedicado à influência da SJ no aparecimento de uma *Família Inaciana*, ou seja, do modo como as Constituições dos Jesuítas e a espiritualidade que as informa influenciaram o aparecimento, a estruturação ou a reestruturação de uma variedade de Ordens Religiosas, Congregações e Sociedades de Vida Apostólica. Destacaram-se neste dia as congregações femininas marcadas pela espiritualidade inaciana, embora tenham estado presentes testemunhos de instituições masculinas influenciadas pela mesma espiritualidade. Esta influência, como se viu, estende-se desde o século XVI até aos dias de hoje. O dia seguinte, quinto, tratou da importância dos Colégios e Universidades Jesuítas como Centros Apostólicos, lugares de diálogo cultural e de contínua reforma. Procurou-se ver como nasce, desde a consciência do serviço, com Cristo, ao homem, uma relação com Deus e com o próximo mediada pela actividade educativa e marcada pelo diálogo dos saberes, na qual os colégios são lugar de produção, circulação e de animação do saber e do crer. Viu-se como estes centros possuem em si, desde os primeiros tempos, um dinamismo que ultrapassa em muito os limites da instituição e transborda para a vida das populações onde estão implantados.

Finalmente, a última manhã foi dedicada à análise dos processos de canonização de alguns Jesuítas à luz do contexto histórico e das suas polémicas teológicas e políticas do século XVI.

As comunicações, com tradução simultânea, foram apresentadas numa das quatro línguas oficiais: inglês, francês, espanhol e italiano. A variedade dos temas tratados e a sua inequívoca abordagem histórica faz com que as Actas deste Congresso, uma vez publicadas, venham a ser um interessante instrumento de investigação no âmbito da história religiosa do século XVI e XVII.

Teresa Messias



ENCONTRO «TURRES VETERAS X: HISTÓRIA DO SAGRADO E DO PROFANO»

A cidade de Torres Vedras acolheu, nos passados dias 18 e 19 de Maio, a 10.^a edição do Encontro *Turres Veteras*, este ano dedicado à *História do Sagrado e do Profano*, uma co-organização da Universidade de Lisboa e do Município de Torres Vedras, presidida por Pedro Gomes Barbosa. O evento contou, uma vez mais, com a participação de um elenco de luxo, proveniente de diversas universidades, institutos, centros de investigação e demais instituições.

Foi também um encontro de religiões, onde não deixou de ter lugar o apelo à crítica da religião, num momento em que as sociedades contemporâneas livremente escolhem entre o perigo da centralização do sagrado no indivíduo e a busca da santidade em Deus, uma vez que só Deus é Santo. Neste contexto, lembrou D. Carlos Moreira Azevedo (Universidade Católica Portuguesa), Cristo foi o maior crítico da religião, tendo sido, por essa razão, acusado de heresia.

A comunicação de abertura – *Os Eremitas de Santo Agostinho na Espiritualidade do século XVII* – coube a D. Carlos Moreira Azevedo que, a partir da abundante produção

literária, nomeadamente as biografias dos santos, os tratados de vida espiritual, as devoções populares e as crónicas da Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, de Luís dos Anjos (m. 1625), Manuel Leal e António da Purificação, abordou alguns aspectos das experiências espirituais vividas nos conventos de Seiscentos, ainda que não exclusivos desta centúria, entre os quais a formação dos Agostinhos, as formas de espiritualidade e as devoções populares. Uma viagem que passou, necessariamente, por muitos autores e pelas leituras de então, entre as quais a biografia de Frei Aleixo de Meneses, prior de Torres Vedras entre 1588 e 1590, a vida do Padre Tomé de Jesus, a vida de São Gonçalo de Lagos (escrita por Aleixo de Meneses, mas editada já em 1964), a vida de São João de Deus (de António de Gouveia) e a obra do cronista Duarte Pacheco, que foi prior de Torres Vedras.

Relativamente às devoções populares, refiram-se a da Correia de Santo Agostinho e a dos Passos, pois foram os Agostinhos que trouxeram a devoção dos Passos para Portugal, que teria começado no Convento da Graça de Lisboa, crendo no testemunho do tratadista António Freire. Parece existir um agostinho ou convento agostinho por detrás da criação de cada devoção dos Passos [de Cristo], referiu Carlos Moreira Azevedo.

Uma comunicação do maior interesse para o município que assistiu à fundação de dois conventos de Eremitas de Santo Agostinho – Nossa Senhora da Assunção de Penafirme (12 Abril 1226) e Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras (14 Março 1366) e que adquiriu recentemente o convento velho de Penafirme.

A organização e a vivência comunitária no convento *dos eremitas calçados de Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras* foram também objecto de estudo por Paula Correia da Silva.

José Ruah (Comunidade Israelita de Lisboa) abordou *a santificação do homem*, enquanto fim último do Judaísmo no sentido de o tornar mais próximo de Deus, do Sagrado. Cumprindo os preceitos religiosos, o homem pode aproximar-se de Deus, assim como pode optar pelo afastamento, aproximando-se do profano. Pois no dia do Julgamento final – o *Kippur* – é dada a cada um a possibilidade de continuar a *viver*, na perspectiva judaica. O ser humano deve viver para o Eterno, que se opõe ao ser mundano que se coloca a si no lugar de Deus. Daí que a possibilidade que se coloca a cada um seja a de pautar a sua vida por um amor incondicional a Deus, uma vez que, para o ser humano, o seu maior desafio é a aspiração à santidade, um caminho para além do profano. Lembrando continuamente a máxima de que o homem é um ser criado à imagem de Deus, o sagrado afirma-se no indivíduo como potencialidade em constante crescimento.

A vida e a santidade não são domínios separados, o homem não precisa de se afastar da natureza e do mundo para ir viver no deserto. Aqui se coloca um novo desafio, o homem como decisor da sua Santidade, de se tornar mais santo, mais puro, no caminho da perfeição, aproximando-se de Deus. O seu livre arbítrio permitir-lhe-á aproximar-se do Sagrado, porque o caminho que se coloca ao homem, quer no Judaísmo, quer no Cristianismo, é o da sacralização, um caminho difícil, um caminho interior.

A problemática da vivência contemporânea do sagrado foi também colocada por José Manuel Anes (Universidade Nova de Lisboa) em *o sagrado como centro organizador* em que, no caso das «novas espiritualidades», o homem é o centro que organiza em seu redor, sinceramente e através dum *bricollage* identitário, os outros centros, sacralizando e divinizando já não esses centros, mas ele próprio, o seu Eu (o *Deus*), um deus sem confrontação.

Como pensar o sagrado na sociedade contemporânea? O que é para nós o sagrado? Estas foram apenas algumas das questões que Paulo e Castro procurou responder em *metamorfoses (in-)actuais sobre a realidade humana ou o vazio da Era pós-moderna*, concluindo

estarmos perante a ausência do sagrado no contemporâneo, onde também não se reserva lugar para o profano, partindo do princípio de que a existência deste é conferida por aquele.

Mas para o Cristianismo não existe um Sagrado e um Profano, não existem coisas sagradas, como também não existem pessoas sagradas. Jesus Cristo acabou com essa distinção, dada a sua fidelidade ao Judaísmo. Todavia, a tendência natural das sociedades e da Igreja é para sacralização, razão porque Jesus Cristo criticou a religião, dado o seu desvio da santidade, apesar de *reconhecer* que só Deus é Santo.

António Matos Ferreira (Universidade Católica Portuguesa), em *O Cristianismo como ruptura do sagrado e do profano*, desenvolveu esta mesma ideia: todas as coisas são chamadas à santidade, razão porque não cabe no Cristianismo o profano, participando a santidade da própria natureza. O percurso é sempre o da plenitude, geradora contínua de novas perspectivas. Mas o sagrado não se confunde com o Cristianismo, ainda que este se refira ao sagrado e ao profano. É o homem que fala do sagrado e do profano, categorias enunciadas por si. O sagrado define um poder e estabelece um espaço distinto do humano, ao qual o homem pode ter acesso, mediado por um processo de purificação, como o baptismo, para além da mediação sacerdotal. O sagrado estabelece barreiras, mas exerce pressão sobre o profano, na tentativa de o tornar sagrado. O humano torna-se o lugar onde se expressa e experiencia o divino, uma vez que «é no interior do humano que se processa a grandeza de Deus». Daí que o sagrado não seja contrário ao profano, verificando-se, no Cristianismo, esta ruptura.

Um sagrado e um profano abordados por Vasco Gil Mantas (Universidade de Coimbra) em os *Cultos e profissões na Roma Antiga*, durante o Império. Uma dicotomia que também parece não existir no mundo romano, apesar da presença do espiritual, do sacro, do religioso, onde não deixa de existir um sincretismo entre o quotidiano e o religioso. Todavia, o mundo romano é pagão, não acredita na Divindade, mas nas divindades. Aqui a divindade é plural.

Seguiram-se outras comunicações sobre as diversas manifestações do sagrado, desde as mais formais, regradas, quer através do clero secular, estudado em parte por Manuela Catarino e Célia Reis, quer através do clero regular.

Neste particular, Luís Repas apresentou *O sagrado e o profano nos mosteiros femininos cistercienses: espaços e ritos* e Paulo Drumond Braga (Instituto Almeida Garrett) as *Casas de Deus ou antros do demónio?*. Na verdade, sendo os mosteiros espaços sacralizados e do sagrado, aí se sentiam os perigos vindos do mundo exterior, que introduziam a mácula. Para além dos muros da cerca reinavam as trevas e a impureza, soprando do exterior uma ameaça permanente de mácula e perdição. Daí a enorme preocupação da Ordem de Cister no cumprimento da clausura nos mosteiros femininos. No espaço monástico, sagrado por definição, “permitiu-se”, por vezes, a penetração do profano, vindo do exterior ou enquanto perseguição do passado, também este exterior. Espaços sagrados que se deveriam manter incorruptíveis, assim como as pessoas que viviam nele, onde o pecado entrava, por vezes, ainda que a sua presença não fosse a regra. Constituídos por mulheres cuja opção pela vida religiosa nem sempre fora ditada por questões espirituais e, portanto, talvez estivessem menos predispostas a suportar os rigores impostos pelas respectivas regras.

Sagrado que se manifesta também através das diversas devoções populares, ancestrais ou modernas, estudadas por Carlos Veloso (Instituto Politécnico de Tomar) em *O mar e a religiosidade popular: religiosidade e ex-votos marítimos na época da Expansão*.

Um Sagrado que se manifesta igualmente no exercício da caridade e da filantropia, através das associações paroquiais, *das irmandades e confrarias às comissões de beneficência*

(Fátima Reis, Universidade de Lisboa) ou às das associações de socorros mútuos, como a *Associação de Socorros Mútuos 24 de Julho*, estudada por Venerando Aspra de Matos, quando, nestes casos, o benfeitor deu lugar ao filantropo.

Um sagrado e um profano manifestado através dos diversos cultos – de *São Tomé Apóstolo*, do *Anjo Custódio de Portugal* ou do próprio *Herói e santo Nuno Álvares Pereira*, apresentados por Cristina Osswald e João Marques (Universidade do Porto), e Ernesto Castro Leal (Universidade de Lisboa), respectivamente.

Um sagrado e um profano alimentado pelas leituras, apresentados por Ricardo Raimundo em *O sagrado e o profano nas leituras torrienses*, ou celebrados em cerimónias públicas, como as entradas régias, cerimónias onde tudo era encenação de poder, como *A entrada pública de D. João Cosme da Cunha em Leiria*, trazida por Ricardo Pessa de Oliveira.

Um sagrado e um profano, sobre os quais existem *utilizações contemporâneas de ignorâncias sedimentadas*, mas desmistificadas por Pedro Gomes Barbosa (Universidade de Lisboa) que, citando Jacques Heers, sublinhou que o homem medieval não somos nós, pois é mais primitivo. Ignorâncias que são fruto de uma Idade Média *inventada*, idealizada, e alimentada pelos romances de cavalaria modernos, como *O Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien.

A última comunicação – *Las raíces cristianas de Europa* – coube a Xabier Anoveros Trias de Bes (Universidade de Barcelona), que nos trouxe um tema polémico, menos bem discutido e que gerou um debate aceso. Na verdade, se tivermos de caracterizar as raízes culturais comuns da Europa, teremos de fazer uma referência ao Cristianismo, uma vez que somos culturalmente cristãos. A Europa é ininteligível sem o Cristianismo, único elemento que une toda a Europa. Para além do Cristianismo, a unidade da Europa faz-se na diversidade.

Por fim, como vem sendo hábito, efectuou-se o lançamento das actas das comunicações apresentadas no encontro sobre a *História da Alimentação*, publicadas na colecção *Turres Veteras*. Esta colecção publica as actas de um Encontro já com 10 edições e no qual cerca de 120 investigadores apresentaram cerca de 160 comunicações, para mais de mil participantes.

O Encontro terminou com o anúncio dos temas para Maio 2008 (*As Guerras Peninsulares*) e 2009 (*As Linhas de Torres*), temas igualmente caros à região de Torres Vedras, mas que mantêm a dimensão e o interesse nacionais. Em síntese, foi um encontro vivido intensamente, muito participado, objecto de grande discussão, de excepcional qualidade científica e, portanto, coroado de sucesso. Um encontro que chegou ao fim, mas que voltará no terceiro fim-de-semana de Maio de 2008. Para este, aqui fica um renovado convite!

Carlos Guardado da Silva



COLÓQUIO INTERNACIONAL «SOCIEDADES ISLÂMICAS: UM CONTEXTO PLURAL»

No dia 1 de Junho de 2007, realizou-se na Faculdade de Letras da Universidade do Porto o Colóquio Internacional «Sociedades islâmicas: um contexto plural», com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Porto Editora. No texto de divulgação do evento, os organizadores (Elvira Mea, Maciel Moraes Santos e Paula Serra, investigadores